



Revista Portuguesa
de

irurgia

II Série • N.º 12 • Março 2010

In Memoriam

Rui Vasconcelos de Macedo



Dr. José Balcão F. Reis (1928.2010)

No dia 3 de Janeiro de 2010 fui surpreendido pela notícia da morte do Dr. Balcão Reis.

Incrédulo, pois conversara com ele alguns dias antes, confirmei que falecera inesperadamente, no domicílio familiar (onde convalescia de fractura traumática da bacia, já em fase avançada de recuperação), acometido por doença súbita, às onze horas desse dia, com 81 anos de idade.

Conheci-o em Janeiro de 1970 quando, terminada a minha comissão de serviço militar obrigatório em Angola, procurei integrar-me na mítica Instituição que eram, então, os Hospitais Civis de Lisboa. Aconselhado por um colega, meu familiar, e influenciado pela fama de grande cirurgião que acompanhava já o seu nome, escolhi a sua equipa para iniciar o internato médico.

Fiquei fascinado com o seu desempenho logo nas primeiras intervenções a que assisti, fascínio este que tomou conta de mim para o resto da vida. E aqui lembro, salvas as devidas proporções, o que conta Eça de

Queirós no *In Memoriam* que escreveu, dedicado ao seu grande amigo Antero de Quental. Diz que o viu pela primeira vez nas escadarias da Sé Nova de Coimbra, rodeado de vultos negros que o ouviam religiosa e emocionadamente. Sentou-se também, ouviu com atenção e humildade as palavras sempre brilhantes e exaltadas de Antero e manteve-se para sempre seu discípulo.

É assim que me sinto perante o Dr. Balcão Reis.

E foram 40 anos de convívio constante, 30 de convívio profissional intenso, quer na equipa do Banco do Hospital de São José, quer no Serviço 5 do Hospital dos Capuchos até à sua aposentação no cargo de Director de Serviço, em 21/11/1998, e ainda na sua clínica privada.

Mantivemos, depois, um contacto pessoal muito regular e, nas primeiras terças-feiras de cada mês, almoçávamos num restaurante de Lisboa, habitualmente no Parque *Mayer*, em frutuosa confraternização com outros antigos colaboradores seus e amigos, onde



podíamos continuar a usufruir da sua experiência de vida e da sua cultura geral diversificada.

É, pois, com comovido respeito que escrevo estas palavras para consagrar a memória de uma das figuras mais carismáticas da cirurgia portuguesa.

José Balcão Fernandes Reis nasceu a 20 de Novembro de 1928, em Vilar Formoso, distrito da Guarda, e desde muito cedo veio para Lisboa onde frequentou a Escola Primária de Benfica e depois o Liceu de Camões, de 1939 a 1946, sempre com elevadas classificações, o que lhe valeu a presença quase constante no quadro de honra deste Liceu, onde concluiu o Curso Complementar de Ciências com média final de 17 valores.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, onde continuou a ser aluno brilhante, completando a licenciatura em 10 de Novembro de 1952 com média final de 17 valores.

Fez os Internatos nos Hospitais Civis de Lisboa, onde foi admitido em 28 de Fevereiro de 1953 após provas públicas, tendo trabalhado com o Dr. Leopoldo Laires no Internato Complementar de Cirurgia, que terminou com alta classificação em 31 de Março de 1958. Foi, por isso, convidado pelo Professor Jaime Celestino da Costa para seu assistente na cadeira de Propedêutica Cirúrgica da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, tendo tomado posse em 27/03/1959.

Aberto o Concurso para Cirurgião dos Hospitais Civis de Lisboa, de altíssima exigência e grande selectividade, decidiu candidatar-se, apesar da sua juventude (31 anos). Foi, no entanto, aprovado à primeira tentativa, em 1960, o que era muitíssimo raro e constituiu um verdadeiro acontecimento, muito comentado no meio, já que apenas um outro jovem cirurgião tinha atingido essa meta, com a mesma idade, no longínquo ano de 1939...

A partir de então fez uma carreira cirúrgica fulgurante e ocupou cargos muito relevantes.

Desde 1961 até 1977 foi Chefe da Equipa do Banco do Hospital de São José, anteriormente chefiada pelo Dr. Leopoldo Laires, tendo sido entretanto nomeado Director do Serviço de Urgência deste Hospital, em 14/07/1971.

Foi Assistente de Clínica / Chefe de Clínica / Chefe de Serviço de Cirurgia Geral (de acordo com as sucessivas nomenclaturas hospitalares) nos Hospitais Curry Cabral e Santo António dos Capuchos – Serviço 5 -, onde fez parceria com o Dr. António Galhordas, sob a direcção do Dr. Leopoldo Laires. Após a aposentação deste, foi nomeado Director deste Serviço, cargo que ocupou desde 1982 a 1998, ano em que se aposentou.

Ao longo destes anos, foram muitos os seus colaboradores nos Serviços, designadamente, Manuel Pinho, L. Coutinho Miranda, Malato Correia, Álvaro Flores, Jorge Monjardino, Ary Catarino, Irene Crespo, Luís Bagulho, A. Silva Morgado, C. Santos Costa, J. Pedro Fernandes, Rui Macedo, Fernando Brito, Gomes de Oliveira, Esaguy Manaças, Diogo Tomás, Crescêncio Pinto, Alfredo Kong, Teresa Colaço, Luísa Santiago, Clara Fonseca e David Andrade.

Homem pragmático, de raciocínio rápido e brilhante, com admirável senso clínico e grande destreza e elegância cirúrgicas, foi o grande “Cirurgião de Urgência” numa época em que a abrangência caracterizava o apogeu da Cirurgia Geral na segunda metade do Século XX.

Criativo, mas rigoroso e perfeccionista, preparava com minúcia as intervenções cirúrgicas e apesar da grande erudição médica e constante actualização, era intelectualmente um inconformado, procurando sempre novidades que trouxessem novas e melhores soluções.

Antecipando-se aos ventos do futuro, começou a dedicar particular interesse a algumas áreas da cirurgia, nomeadamente ao cancro gástrico e às técnicas de gastrectomia total, estudando as suas consequências metabólicas.

Foi também um dos pioneiros no tratamento cirúrgico de tumores endócrinos do pâncreas, tendo acumulado uma grande casuística de insulinomas, operados com êxito, numa época em que os exames imagiológicos ainda poucas ajudas ofereciam na identificação dos mesmos.

No relacionamento profissional, embora exigente e autoritário, sabia ouvir e considerar outras opiniões, respeitando sempre os seus colaboradores em quem



incutia muita segurança, que também se transmitia aos doentes, com quem criava uma relação de grande humanidade e compreensão.

Não resisto a contar aqui uma pequena história que alguns colegas talvez recordem.

Na enfermaria do Serviço, um doente tratava sistematicamente o Director do Serviço por “Senhor Balcão Reis”, enquanto aos restantes membros da equipa tratava por doutores. Pedagogicamente, um dos Colegas chamou-lhe a atenção para a deselegância perante o Director do Serviço. Da conversa mantida, o Colega percebeu que o doente pretendia, intencionalmente, dizer que em Medicina havia muitos doutores, alguns

professores, mas Senhores havia poucos e o Dr. Balcão Reis era um deles.

Era realmente um verdadeiro Senhor.

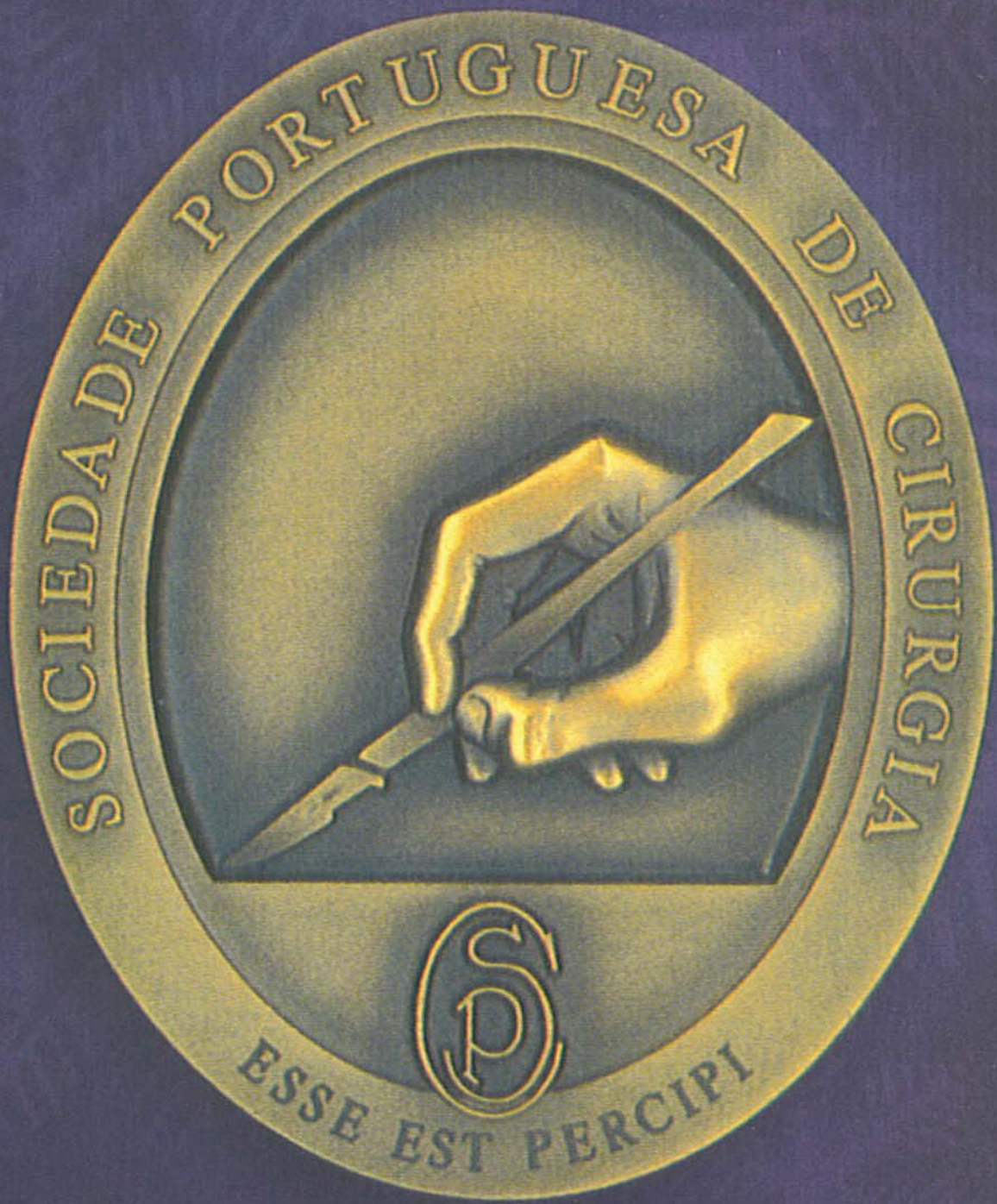
Muito considerado pelos seus pares, foi justamente reconhecido pelo Ministério da Saúde que o agraciou com a Medalha de Ouro de Serviços Distintos, entregue pelo Ministro da Saúde, Dr. Correia de Campos, em Abril de 2007, em cerimónia pública a que tive o grato prazer de assistir.

O Dr. Balcão Reis partiu.

Deixa-nos o seu legado.

E saudades.





SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIRURGIA



ESSE EST PERCIPI